

seguida, um terceiro indivíduo tirava a mania e desprendia o cabresto do tronco. Desimpedido, o cavalo se embodocava e corcoveava desatinadamente por uns 20 minutos durante os quais o domador não o fustigava com chicote ou esporas. Ao parar de pular, devia ser conduzido calmamente. Um procedimento ao contrário, deixá-lo-ia com problemas de respiração.

Normalmente, nestas horas, o domador devia ter um acompanhante montado num cavalo manso. Quando o potro enveredava para um lugar perigoso, o companheiro se colocava na frente com o animal já domado. Este trabalho era repetido muitas vezes até a submissão total do potro. Depois que estava devidamente treinado com o bocal (tento de couro que prende as rédeas ao maxilar) enfreado-o. Após isto, podia ser treinado para puxar carroça e arado.

JOHN, DONO DOS CAVALOS MAIS BONITOS

Nosso biografado domou cuidadosa e zelosamente seus cavalos para montaria e depois os treinou a fim de puxarem arado e carroça. Eles cresceram mais e engordaram ficando a mais bela parelha de cavalos da região. Ele era um moço robusto fisicamente, de boa aparência e quando saía com a carroça puxada por aqueles garbosos cavalos, os homens, as mulheres, as crianças, os moços e as moças paravam para contemplarem o belo conjunto. Em consequência disto, o jovem tornou-se famoso e todos lhe traziam cavalos e burros para domar. Segundo informação da professora Vasti Viana, em uma determinada época ele estava domando 40 animais.

BURRO BRAVO DOMINADO

O cavalo normalmente corcoveia na mesma direção ao

passo que o burro o faz para todos os lados com uma rapidez incrível. Às vezes simula que vai saltar um obstáculo e não o faz para enganar o domador. Dificilmente cai quando está pulando. Certo dia um muar forte e bravo pulava, com John montado, num terreno gramado em ligeiro declive e caiu. Antes que o animal se levantasse, John saltou colocando-se numa posição fora do alcance de suas patas, pegou o bocal e suspendeu-lhe a cabeça, não o deixando levantar.

O NAMORO DE JOHN COM AUGUSTA

Como John fosse muito trabalhador e prestativo, o Sr. Schneider convidava-o para ajudá-lo em época de muito trabalho. Em consequência disto, formou-se uma sadia amizade entre o jovem e a família do fazendeiro.

Augusta, filha mais velha do Senhor Schneider, chamava de modo especial a atenção do nosso biografado pela sua dedicação ao trabalho, obediência aos pais, a maneira amável com que tratava os irmãos, os vizinhos, os animais e, além disto, sua dedicação ao estudo da Bíblia e às cousas de Deus. Ele aconselhou-se com pessoas experientes sobre um possível casamento com ela e todas eram favoráveis. Observou-a durante anos porque não desejava tomar uma decisão precipitada.

As vezes John pensava propor namoro a Augusta mas temia fazê-lo por ser uma moça de visão e se preocupava não somente com o lado romântico da vida como também com as questões espirituais, intelectuais e materiais. Era uma moça providente em todo sentido. Além disto, ela foi para o colégio estudar no internato e ele achou que “longe dos olhos, longe do coração”.

Nas férias quando Augusta veio para casa, os jovens fizeram uma reunião social no salão da igreja sob a orientação da pessoa encarregada. As moças — conta a professo-

ra Vasti Viana — prepararam sorvete caseiro, biscoitos e salgadinhos e os moços organizaram joguinhos, canções e brincadeiras que aprenderam no colégio. Enquanto uns cantavam, outros jogavam e alguns palestravam, John propôs o seguinte para Augusta: “Vamos transformar nossa amizade platônica em namoro?”. Ela sorriu e respondeu-lhe: “Tudo depende de você deixar a domesticação de animais chucros e ir para o colégio estudar a fim de ser missionário. O trabalho que você faz é honesto mas muito bruto”.

John muitas vezes ouviu apelos na igreja para os jovens se prepararem a fim de serem obreiros, mas nunca tomou uma decisão embora isto sempre o preocupasse. Diante, porém, das palavras suaves, afetivas e espirituais de Augusta, o moço inflexível que subjuguou o burro quando queria levantar-se, cedeu. Vendendo seus cavalos, fez os necessários arranjos e, em 1905, com 21 anos de idade, seguiu para o Union College em Nebraska.

Comentando a questão com seu pai, ele disse: “Eu gostava tanto da Augusta que deixei a domesticação e fui estudar”. Seu pai, embora sentissem a falta do filho na fazenda, deram-lhe todo apoio.

JOHN DESISTE DE ESTUDAR

Para manter-se nos estudos, John trabalhava uma parte do dia, ia às aulas na outra e fazia os deveres escolares à noite, mas esta rotina, com o passar do tempo, tornou-se monótona para ele. Por outro lado, a saudade da família e das variadas atividades da fazenda o assediavam constantemente. Diante disto, resolveu parar de estudar. Escreveu uma carta ao pai avisando que viesse buscá-lo na estação da estrada de ferro. No dia e hora marcados, o senhor Henrique estava no local aguardando o filho. Quando o jovem chegou, seu genitor o abraçou e o beijou dizendo-lhe em seguida: “Vamos aguardar o primeiro trem com o qual você

deverá voltar para o colégio”. Embora fosse de maior idade, ele obedeceu ao pai e voltou com o primeiro trem para o internato. Após as necessárias explicações para os diretores, professores e colegas, firmou-se devidamente nos estudos.⁴

NAMORO COM AUGUSTA ABALADO

Como vimos, Augusta era uma moça muito equilibrada em suas atitudes e perseverante na busca de seus ideais. John também era tenaz mas a mudança de vida foi muito violenta: antes, em certos dias, ele montava em uns 10 cavalos bravos suportando os mais rudes pulos durante uns 20 minutos, em média, para cada animal, além de treinar outros a puxar carroça e arado para se dedicar imediatamente a outro tipo de vida no qual ficava cerca de 5 horas ouvindo o professor falar sobre regras de gramática, matemática, etc. e à noite fazer os deveres escolares. Por outro lado, sentia muita saudade da família! A desistência, de todo jeito, os colocou em posições diametralmente opostas e o namoro ficou abalado.

Passado algum tempo, John começou a cortejar outra jovem. Ao saber da questão, seu pai lhe mandou uma carta dizendo que aquela moça não tinha qualidades para ser esposa de um futuro missionário. Embora fosse de maior idade, ele terminou com o namoro. Firmando-se, porém, nos estudos, posteriormente os amores reiniciaram com Augusta.⁵

OS COIOTES NA CAMISA DE JOHN

Nos desertos dos Estados Unidos existe uma variedade de cachorro silvestre chamada “Coioite”. Em época de escassez de alimento no seu habitat, eles migram para outros locais mesmo que sejam povoados, em busca de comida fa-

zendo verdadeiras chacinas, de preferência, nos galinheiros à noite. O pessoal da região onde John morava ficou alarmado com a invasão destes animais daninhos e se reuniu para estudar um meio de combatê-los evitando novos prejuízos. A idéia aceita por todos foi pagar um dólar por par de orelhas de coiotes mortos. Diante disto, muitos começaram a andar com espingardas às costas para matá-los e ganhar dinheiro.

John achou que era uma boa oportunidade para arranjar alguns dólares a fim de fazer frente aos gastos escolares e passou a espreitar os coiotes com uma arma pronta. Em certo momento, avistou um deles e quando estava com tudo pronto para fazer o disparo, veio-lhe à mente que o animal poderia ter uma ninhada de filhotes. Passou então a segui-lo cuidadosamente mas o cão silvestre o percebeu, disparou e sumiu-se rapidamente. Pegando uma vara, o jovem começou a procurá-lo nas touceiras de capim e nos buracos. Parando um pouco à boca de uma toca, na base de um barranco alto, ouviu o “gemido” característico de cães recém-nascidos.

Como a entrada do covil fosse muito apertada, John deitou-se em decúbito ventral e, se apoiando ligeiramente nos cotovelos, foi se arrastando. Logo encontrou um coiotinho e o colocou dentro da camisa. Em poucos instantes estava com 12 animaizinhos no referido lugar. Apalpando para ver se encontrava outros, passou a mão no corpo peludo de um animal adulto. Muito assustado, se arrastou de marcha à ré esmagando 10 dos 12 filhotes. Engendrando uma espiral com arame, introduziu-a na toca, enredou o macho adulto, puxou-o para fora e o matou a coronhadas, fazendo a mesma coisa com a fêmea.

Parando um pouco a fim de descansar e contemplar o feito heróico, pensou: “Eu cometi uma grande imprudência. Estes animais podiam ter me matado. Foi o anjo do Senhor que os imobilizou. Eu agora tenho uma segunda vida. Vou dedicá-la a Deus”. Voltando para casa, levou 12

pares de orelhas sendo 10 de filhotes e dois de adultos além dos dois coiotinhos vivos. Com esta caçada, John saiu duplamente beneficiado: ganhou dinheiro e aprendeu que nossa vida depende do cuidado de Deus.⁶

FORMATURA E CASAMENTO

Augusta formou-se em Pedagogia no ano de 1908 sendo convidada para lecionar na escola primária de sua igreja em Kansas. John, por sua vez, colocou grau em teologia em 1909 e contraiu núpcias em agosto do mesmo ano.

JOHN CONSTRÓI PARA O PAI

O genitor de John desejava fixar residência em Lodi, na Califórnia, onde havia uma excelente escola secundária para suas filhas estudar e, posteriormente, continuarem no Pacific Union College. Como nosso biografado entendesse de construção, o pai deu-lhe, como presente de casamento, as passagens de trem para o referido local a fim de construir a casa para a família morar. Quando estava tudo pronto, os Boehm deixaram a fazenda em Kansas e se mudaram.

John Ingressa na Obra

Concluída a casa, para sua família morar, John foi chamado para trabalhar como obreiro bíblico em uma série de Conferências Públicas numa tenda em Redlands perto de Loma Linda, na Califórnia, onde serviu também na obra pastoral até sua ordenação em 1912. Enquanto o esposo trabalhava no evangelismo e na obra pastoral, Augusta, com a finalidade de ser mais útil à Obra, fez um curso de enfermagem em nossa Faculdade de Enfermagem recém-aberta em Loma Linda.⁷

CANDIDATOS AOS CAMPOS MISSIONÁRIOS

Visto John e Augusta desejarem trabalhar como missionários em outros países, escreveram à Associação Geral se candidatando. Dentro de alguns dias receberam os formulários, preencheram-nos e os devolveram. Na escola primária John escolheu a China pela qual orar e Augusta, o Brasil. Agora estavam na expectativa: Iremos para a China ou para o Brasil? O primeiro parágrafo da carta com a resolução final, dizia que foram aceitos como missionários e o segundo ordenava que seguissem para o Brasil. Ambos ficaram muito contentes.⁸

REFERÊNCIAS

1. Prof. Harley Boehm, filho do pastor Boehm, residente em Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos, em 01.09.1986 nos respondeu um longo questionário sobre a vida e trabalho dos seus pais e, além disto, mandou muito material escrito. Posteriormente, remeteu três cartas enriquecendo e completando as informações. Em dezembro de 1986 eu o entrevistei pessoalmente em seu escritório no local acima mencionado.
2. Dra. Charlotte Boehm, irmã mais nova de John H. Boehm, residente em La Sierra, Califórnia, Estados Unidos, (Dezembro de 1986), entrevista pessoal.
3. A professora Vasti e o esposo, Pastor José Viana, quando estudaram na Califórnia, Estados Unidos, mais ou menos em 1963, moraram quase dois anos na casa do pastor Boehm e tiveram oportunidade de ouvi-lo, juntamente com sua esposa, contar as experiências que vivenciou no Brasil. Ao saber que estávamos escrevendo a biografia dele, a professora Vasti S. Viana, atualmente no IAENE, Cachoeira, Bahia, mandou, gentilmente, para o "Centro Nacional da Memória Adventista, no Instituto Adventista de

Ensino, São Paulo, um excelente material escrito sobre o que ouviu diretamente dos cônjuges ex-missionários em nosso país.

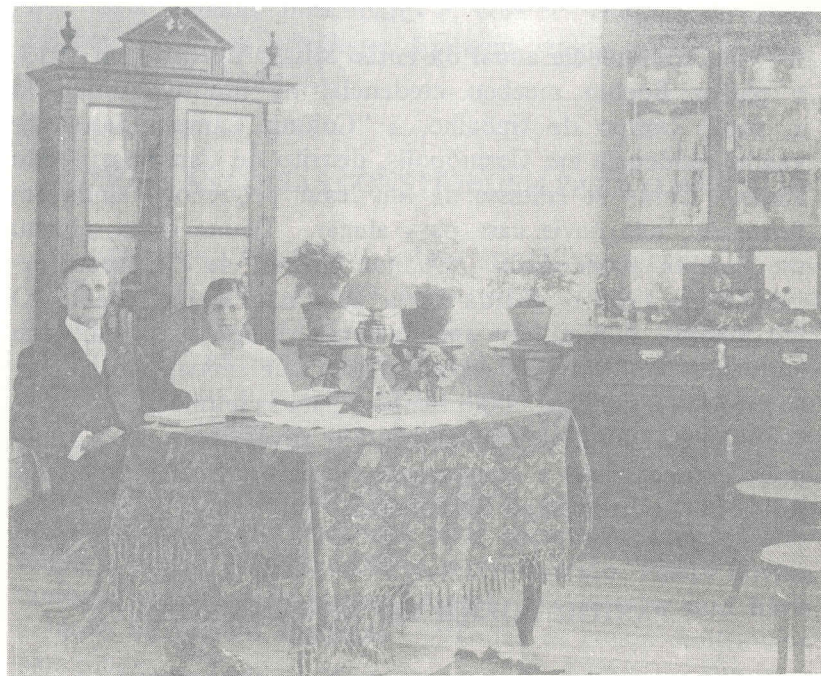
4. Harley Boehm, material citado na referência 1. O próprio Pastor Boehm comentava este assunto com os amigos aqui no Brasil. Profa. Vasti Viana, material citado na referência 3.
5. Dra. Charlotte, citada na referência 2.
6. Profa. Viana, material citado.
7. Prof. Harley Boehm, material citado.
8. Profa. Viana, material citado.

VIAGEM PARA O BRASIL

Como ainda não houvesse linha de navegação dos Estados Unidos para o Brasil, o pastor Boehm e esposa fizeram a viagem de Nova Iorque via Londres chegando ao porto de Santos-São Paulo no dia 1 de março de 1913 onde Augusto Pages os aguardava, conduzindo-os, em seguida, para a Casa Publicadora Brasileira em São Bernardo do Campo — São Paulo.

ESTRÉIA DO PASTOR BOEHM NO BRASIL

Em Cosmópolis, então distrito de Campinas — São Paulo — algumas pessoas se impressionaram com a leitura dos Dez Mandamentos em Êxodo 20:3 a 17 e vinham orando, há três anos e meio, que se houvesse alguém vivendo em harmonia com a lei de Deus entrasse em contato com elas. Dois colportores as encontraram e comunicaram o fato ao pessoal da Casa Publicadora. Os dirigentes mandaram para o local, numa sexta-feira, Germano Conrado e o pastor Boehm, recém-chegado ao Brasil, os quais pregaram um sermão atrás do outro durante o sábado e domingo. Segunda-feira vol-



John e Augusta Boehm nos anos de sua juventude.

taram para São Bernardo do Campo a fim de prestar relatório aos dirigentes.

O PESSOAL ELEGU UM REPRESENTANTE

Após os dois visitantes se retirarem, o pessoal se reuniu, elegeu um representante e o enviou a São Bernardo. Depois de identificar-se, o mensageiro disse aos administradores: “Eu não voltarei sem a companhia do Senhor Boehm.” Esta exigência foi atendida pelos líderes da Obra prontamente.¹

BOEHM NA "COLÔNIA CAMPOS SALES"

Na conferência anual da então Missão Paulista, em 1913, o pastor Boehm recebeu credencial de ministro ordenado e, como campo de trabalho, a "Colônia Campos Sales" fixando residência em Cosmópolis, distrito de Campinas — São Paulo. Como se tratasse de um lugar pequeno e ainda em formação, não havia casa para alugar. Diante disto, alugou um casebre abandonado. Quando chovia, ele e a esposa necessitavam abrir o guarda-chuva para não se molharem. O missionário, porém, fez uma reforma completa, ficando um ambiente confortável e representativo que servia, não somente para sua residência, como também para as reuniões.

Depois de haver introduzido o adventismo em Cosmópolis e organizado a congregação, o pastor Boehm foi transferido para outro campo Missionário.

PASTOR BOEHM EM NOVA EUROPA

Este município é chamado de Nova Europa por ser uma colônia Imigratória teuta da qual fazia parte a família Hoffmann onde o pastor Boehm encontrou os jovens Alfredo, Siegfried e Herbert além das irmãs aos quais teria dito: "Precisamos fundar um colégio para vocês estudarem e serem obreiros." Talvez isto tenha sido a causa parcial ou total da insistência e persistência do nosso biografado junto aos líderes da obra na conferência da Missão Paulista em 1915. É interessante ainda notar que Alfredo Hoffmann e Helena Bartsch, ambos de Nova Europa, pertenciam ao grupo de seis alunos que ajudaram o pastor Boehm desde o levantamento das primeiras barracas. Siegfried e Herbert Hoffmann vieram mais tarde para o Seminário.

Além dos jovens que teriam inspirado e apoiado o pastor Boehm, quanto à fundação do Seminário, havia também no local acima referido um regular número de crentes

que fazia trabalho missionário e, com a chegada do obreiro em 1914, as atividades tomaram ainda maior impulso, com melhor organização.²

TODAS AS COISAS CONTRIBUEM PARA O BEM. . .

Irmã Augusta Boehm estava na última semana de gestação e como não passava muito bem, foi contratada uma enfermeira e parteira para acompanhá-la nos últimos dias da gravidez e assisti-la no parto. O pastor Boehm estava preparando um sermão cujo título era: "Tudo contribui para o bem. . ." (Rom. 8:28). Sábado foi à igreja e pregou o referido sermão.

Após cumprimentar os irmãos à porta da igreja, dirigiu-se imediatamente para casa onde encontrou a esposa chorando e, morto, o menino Oliver, recém-nascido. Pastor Boehm também chorou mas buscou consolo no sermão que havia pregado há poucos instantes: "Todas as coisas contribuem para o bem. . ."³

ENFATIZADA A NECESSIDADE DE FUNDAR UM COLÉGIO

Na Assembléia da Missão Paulista em 1915, seguida pelas reuniões de planejamento onde estavam também os representantes das Organizações Superiores foi enfatizada, de um modo especial, a necessidade de ser fundado um colégio que preparasse obreiros para o campo nacional, pois estávamos sem uma instituição com esta finalidade há mais de 5 anos:

1. Conferência do Rio Grande do Sul. Na Assembléia Anual da Conferência do Rio Grande do Sul, realizada de 26.12.1915 a 07.03.1915 foi deliberado o seguinte: "Considerando o desejo manifestado por muitos irmãos de terem seus filhos num colégio da Conferência, propomos a nomea-

ção de uma comissão de nove membros, devendo figurar nela os membros do executivo, para estudar a criação de um colégio.”

2. Sra. Isadora Spies.

Na reunião de obreiros em São Paulo, cremos que em seguida à Assembléia do Rio Grande do Sul acima citada, a Sra. Isadora Spies, esposa do Pastor Spies, presidente da União Brasileira, fez um significativo apelo ao grupo de obreiros: “Irmãos, nós precisamos prosseguir na fé. Eu creio que o tempo chegou no qual devemos prosseguir e estabelecer nosso sistema de escola como outros campos. Quando o tempo vier para avançar, Deus achará seus homens e providenciará o dinheiro necessário para o projeto. Não hesitemos, mas prossigamos na fé. O trabalho é do Senhor.”

O pastor F. W. Spies, como presidente da Conferência União Brasileira, deve ter comentado também na reunião em São Paulo a deliberação tomada na Assembléia do Rio Grande do Sul acima mencionada.

3. Pastor João Henrique Boehm.

Impressionado com a urgente necessidade de ser fundado um colégio, o pastor Boehm analisou o assunto com a esposa e, depois de haver orado pedindo a direção de Deus, decidiu apresentá-lo aos líderes da obra. Sua argumentação era: “Como os irmãos querem que nossos jovens permaneçam na Igreja se não temos um colégio para educá-los?” Todos concordavam com a idéia mas as despesas seriam tão grandes que não poderiam comprar nem o terreno. Havia um fundo para educação mas, pelo que se conclui, o dinheiro não estava no caixa.⁴

O TREM PARTIU ADIANTADO

Embora o pastor Boehm gostasse dos irmãos de Nova Europa, ficou triste quando terminaram as reuniões e recebeu ordem de voltar àquele local de trabalho porque a ques-

tão da fundação do Colégio não foi solucionada. Ao chegar, porém, com a esposa, na plataforma de embarque, o trem havia partido há alguns momentos e antes do horário. Ainda viram a parte posterior do último vagão. O casal pensou: “Será que é Deus indicando que devemos ficar”?

Saindo da estação, Augusta perguntou para o esposo: “Para onde vamos”? E ele respondeu: “Por agora vamos à Missão fazer uma nova proposta para os dirigentes.” Enquanto se dirigiam para o escritório, analisaram a possibilidade de doarem, à compra do terreno para fundar o colégio, uma herança que iam receber nos Estados Unidos. Ao contarem aos administradores a partida antecipada do trem e o plano de darem a herança, se necessário, para comprar o terreno a fim de fundar o colégio, os diretores da obra reestudaram o assunto e decidiram meter mãos à obra e fundar o educandário.⁵

PROCURA DA PROPRIEDADE PARA O COLÉGIO

A primeira fazenda que os administradores procuraram comprar a fim de fundar o colégio ficava à margem esquerda do Rio Pinheiros em Santo Amaro, São Paulo, onde se localiza atualmente o Centro Empresarial. Como nossos obreiros falassem que havia na propriedade uma mina, referiam-se à fertilidade da terra à agricultura, o proprietário não quis mais vender pensando que se tratasse de uma jazida aurífera.

SÍTIO DO CASAL TEISEN

Mais para frente, no chamado Capão Redondo, na direção de Itapequerica da Serra, uns 8 quilômetros de Santo Amaro, havia um Sítio de 60 alqueires ou 145 hectares cujos proprietários, Antônio e Pantaleão Teisen (este era ad-

ventista), se prontificaram a vendê-lo à obra para fundar o Colégio.

COMISSÃO DE OBREIROS VISITA O SÍTIO

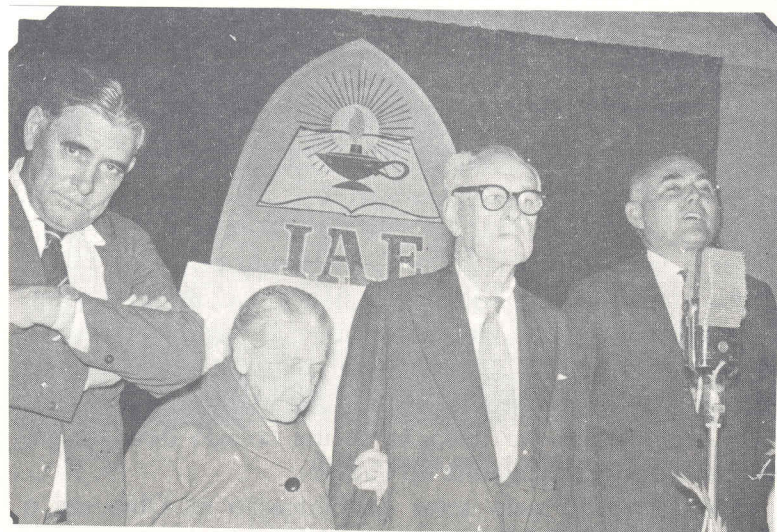
Uma comissão de obreiros formada pelos pastores O. Montgomery, A. Pages, F. Spies, J. Lipke, J. Boehm, H. Meyer, M. Rohde, M. Kämpel, A. Rockel e F. Kämpel, etc, lotou 2 “charretes” da família Klein e duas carretas de quatro rodas alugadas dos Grassmann, além de um a cavalo e veio ao Capão Redondo ver o Sítio dos irmãos Teisen.⁶

A COMPRA DA PROPRIEDADE

Aprovada pelo grupo de obreiros a compra da propriedade dos irmãos Teisen no Capão Redondo — Santo Amaro — São Paulo, foi passada a escritura no dia 28 de abril de 1915 em nome da Associação dos Adventistas do Sétimo Dia no Brasil pela quantia de 20:000\$000 (Vinte contos de Réis) dos quais 10:000\$000 foram pagos no ato da escritura e os outros dez contos de réis restantes no decorrer de 12 meses com juros de 5% ao ano. Em 10 de novembro, ainda de 1915, lavraram a Escritura de Quitação. . Estava, portanto, paga a propriedade do Colégio.⁷

FUNDO DE EDUCAÇÃO

Na quadrienal da Conferência Geral em Washington, 1909, o pastor Spies conseguiu 30:000\$000 (trinta contos de réis) para estabelecer um colégio no Brasil e ajudar a Casa Publicadora. Por outro lado, a Conferência do Rio Grande do Sul doou à Conferência União Brasileira, 1911, além do fundo local para educação, os 11:000\$000 da venda da



*Pantaleão Teisen - 2.º da direita -
Homenageado nas festividades de 50 anos do Colégio Adventista*



*Comissão de obreiros visita o sítio da propriedade
de Pantaleão Teisen*

escola em Taquari a fim de formar o “Grande Fundo de Educação”. Por outro lado, pelo que se conclui, eram incorporados ao mesmo donativos pessoais que apreciavam.⁸

BOEHM ENCARGADO DE CONSTRUIR O COLÉGIO

Como presidente da então Missão Paulista, o Pastor Lipke ficou conhecendo a habilidade manual do pastor Boehm em construção quando ele reformou a casa onde ia morar em Cosmópolis, 1913, e também arranjos que fez na sala de cultos em Nova Europa, 1914. Além disto, o interesse que ele demonstrava na fundação de um colégio deve ter impressionado o superintendente do Campo.

O Encarregado pelo setor de Educação na Obra era o Pastor Lipke. Quando ficou definida a construção do colégio, logicamente, a pessoa indicada para planejar tudo e supervisionar as obras era ele. Diante, porém, da sua falta de conhecimento do assunto e da grandeza do empreendimento, considerou-se incapaz e indicou o Pastor Boehm à Conferência União Brasileira que o chamou para planejar, supervisionar e fazer tudo o que fosse necessário.

POSSE DA PROPRIEDADE E AS BARRACAS

Dia 6 de maio de 1915, Boehm mudou-se para o local, tomou posse da propriedade e, perto do córrego principal, na parte baixa da fazenda, armou uma barraca central, grande, que servia de cozinha, refeitório, sala de culto, de visita, etc. seguida de outras menores para dormitório. Auxiliaram-no seis estudantes que chegaram em primeiro lugar: Alfredo Hoffmann, Elena Bartsch, Gustavo Storch, Paulo Schulz, Manoel Pereira e Davi Kümpel.⁹



Boehm arma as barracas

RECEPÇÃO AO PASTOR STORCH

Ao chegar no Seminário, Gustavo Storch foi recebido pelo pastor Boehm que lhe indicou uma barraca para se alojar na qual havia apenas o capim natural do terreno. O jovem pegou uma foice, cortou 4 forquilhas e varas com as quais improvisou uma cama. Como ainda não houvesse colchão para fornecer aos alunos, ele colocou sobre a armação de madeira roliça, uma espessa camada de “barba-de-pau” infestada, sem que ele soubesse, por grande quantidade de carrapatos e cobriu-a com o lençol.

Após o culto e o jantar, o jovem recolheu-se ao seu aposento para descansar pois estava exausto da longa viagem que havia feito à noite. Alta madrugada, porém, acordou sentindo algo estranho na pele. À luz de uma lamparina, fez cuidadoso exame constatando que estava atacado por centenas de carrapatos dos pés à cabeça. Ao saber do caso pela manhã, o pastor Boehm lamentou muito o ocorrido e prometeu-lhe um colchão de palha de milho para a semana seguinte.¹⁰

PONTINHOS PRETOS NA SAIA BRANCA

Conhecedora dos pormenores da vida em uma fazenda, a irmã Augusta Boehm acompanhou o esposo numa visita de reconhecimento da propriedade recém-comprada a fim de fazer, depois, o planejamento de trabalho para aproveitá-la devidamente. Em determinado momento, em suas andanças, para cá e para lá, notou centenas de pontinhos pretos que se moviam lentamente em sua longa saia branca. Perguntando ao guia o que significava aquilo, foi-lhe dito que eram carrapatos. Além disto, orientou-a que à noite, antes de dormir, deveria passar no corpo álcool e tabaco em *infusão*. Ela o fez e conseguiu eliminar os importunos insetos hematófagos.¹¹

SUBSTRATO FÍSICO A SUBSISTÊNCIA DA ESCOLA

Armadas as barracas, feito um levantamento das terras da fazenda, o pastor Boehm começou a organizar o substrato físico à subsistência do seminário cuja alimentação para os alunos deveria ser ovo-lacto-vegetariana:

1. Agricultura

Para organizar a agricultura era necessário roçar a mata, derrubar as árvores cortando-as em pedaços, arrancar os tocos e amanho a terra para depois plantar batatinha, milho, feijão, mandioca, etc. A lenha era aproveitada na cozinha, padaria, para queimar tijolos na olaria e para fazer carvão vegetal.

2. Horticultura

Além do que era necessário na agricultura, a horticultura exigia que o terreno fosse, de preferência, plano e com água potável abundante para a irrigação das hortaliças. A produção de verduras progrediu tanto que no decorrer dos anos, além de abastecer o colégio e a vizinhança, era vendida nas feiras da cidade.

3. Pecuária

Uma vez que o leite devia fazer parte da alimentação dos alunos desde o início do colégio e sendo que a tração de arados, carretas ou carroças era feita exclusivamente com animais, a escola necessitava possuir vacas, bois, cavalos e burros. Para que isto fosse possível, o educandário deveria separar uma área de terra a fim de formar pastagem para os referidos animais dentro do esquema de aproveitamento da fazenda.

Não encontrei nenhum documento comprobatório, mas o pastor Boehm deve ter comprado ou recebido bois, cavalos ou burros ao iniciar os trabalhos no seminário. Disse-me o Prof. Francisco Chagas, já falecido, que o pai dele, Oswal-



Horta do colégio em seus primórdios.

do Chagas, de Ibitinga — São Paulo — doou vários animais para os trabalhos do colégio encerrando os comentários com estas palavras: “*Meu pai*, referindo-se a Oswaldo Chagas, era

co-fundador do Instituto Adventista de Ensino.” Dr. S. Hoffmann contou-me que ao chegarem a Nova Europa como imigrantes, o referido irmão, de Ibitinga, emprestou-lhes uma mula — Nina — para ajudá-los nos trabalhos agrícolas e no dia em que ele seguiu para o Seminário a fim de estudar, o animal foi despachado no mesmo trem como doação.

No início de 1916 foi votado arrecadar 3:000\$000 (três contos de réis) para aquisição de gado. O irmão Adolfo Bergold, 89 anos, contou-me que comprou vacas leiteiras holandesas em Mogi das Cruzes — São Paulo — para o colégio. Elas foram os primórdios do nosso gado, agora em Artur Nogueira, que se tornou conhecido, respeitado e procurado pelos criadores de todo o Brasil.

4. Avicultura.

A criação de galinhas para a produção de ovos recebeu atenção especial em nosso seminário. Tão logo iniciaram as construções, já edificaram um galinheiro que, devido à falta de acomodação, serviu provisoriamente de cozinha, refeitório e dormitório mas, tão logo a primeira ala do prédio ficou pronta, o pessoal se mudou e as aves ocuparam as suas instalações.

5. Pomicultura

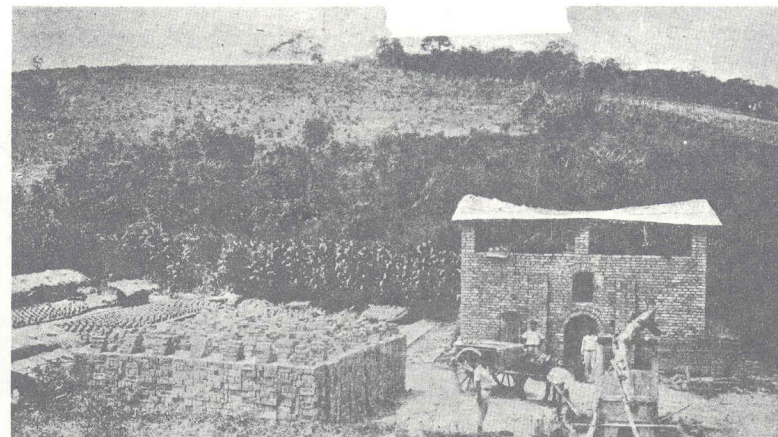
Este setor desenvolveu bem na produção de limão para o consumo do seminário e venda à vizinhança.¹²

SUBSTRATO FÍSICO ÀS CONSTRUÇÕES

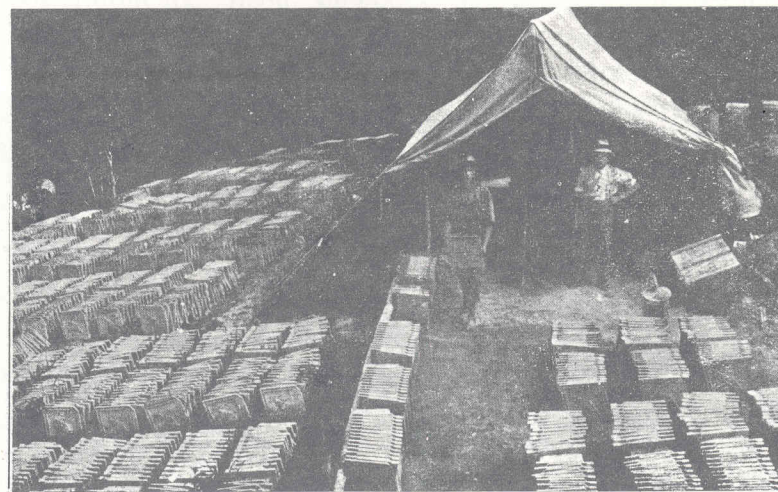
Visando ao preparo de um bom material às construções que seriam feitas bem como economia com transporte, o pastor Boehm só comprava fora o que não havia condições de produzir no seminário:

1. Olaria

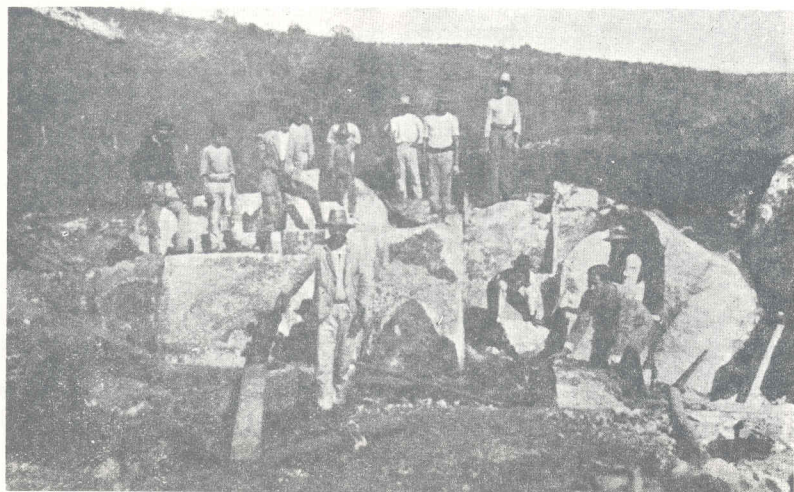
No local que atualmente fica em frente à piscina do



A olaria do Seminário.



Fábrica de telhas de cimento para o Seminário.



A pedreira do Seminário.



Vista da fazenda nos primeiros anos.

IAE, perto de um córrego de águas cristalinas em cujas margens havia barro próprio para fazer tijolos, foi montada a olaria. Com o passar do tempo, cedeu lugar para o estábulo sendo transferida para os fundos do terreno à direita de quem chega na Igreja Adventista do Capão Redondo à Rua Ellis Maas, 520.

O oleiro chamava-se Lino Bitencourt.

2. Fábrica de Telhas de Cimento.

A beira do córrego cuja nascente fica atrás da Escola Fundamental do IAE, onde havia touceiras de bambu, foi montada uma fábrica de telhas quadradas feitas de cimento com as quais cobriam as construções provisórias e, posteriormente, as definitivas.

3. Pedreira

Com o objetivo de fazer alicerces sólidos às construções, cortavam pesados blocos de pedras numa pedreira que, posteriormente, ficou submersa nas águas da micro-hidrelétrica do seminário e os transportavam em carretas puxadas por animais para o local onde estavam construindo.¹³

A VELHA CASA DA FAZENDA

A direita, saindo do atual portão do IAE para Santo Amaro, na altura do terceiro ponto de ônibus havia uma velha casa escorada com madeira que o pastor Boehm reformou e servia de dormitório para alguns alunos e também como sala de aulas.

INÍCIO DAS AULAS NO SEMINÁRIO

Segundo o documento mais antigo que encontramos,

as aulas em nosso seminário iniciaram no dia 3 de julho de 1915, na sala da velha casa acima mencionada.¹⁴ Começaram com 12 alunos. Posteriormente chegaram mais 5 e a matrícula elevou-se para 17 estudantes.

Para que os alunos tivessem bastante tempo a fim de trabalhar na agricultura, havia aulas somente das 7 às 10 horas da manhã. O período letivo durou três meses iniciando, em seguida, um curso de colportagem que se estendeu até 20 de dezembro assistido por sete jovens. Os outros se dedicaram aos trabalhos do colégio.

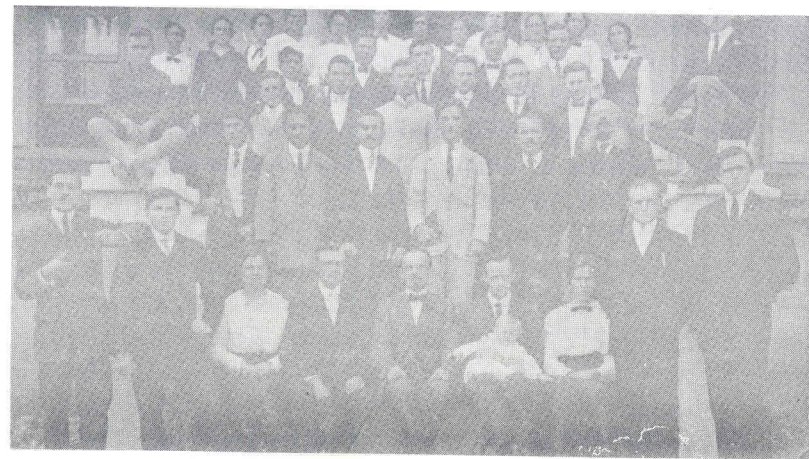
O Pastor Lipke não considerou o pequeno período de aulas de 1915 como ano letivo e sim como um “Curso Introdutório”. Por falta de um programa nacional de ensino, os 17 alunos, das mais variadas procedências, tinham conhecimento muito heterogêneo uns em relação aos outros. Diante disto, as aulas de 1915 visaram a homogeneizar o grupo.¹⁵

CORPO DOCENTE

O corpo docente de 1915 e 1916 era formado pelas seguintes pessoas: Pastor Lipke, diretor; Pastor João Boehm, gerente; Paulo Hennig, Professor. Em 1917 foi acrescido pelos Professores Neumann e Kumpel.

PASTOR BOEHM COMO PROFESSOR

No livro *Venturas e Aventuras de um Pioneiro*, ed. de 1982, p. 21 o Pastor Storch diz: “. . . Nossos professores eram Paulo Hennig e John Boehm”. Consultado sobre esta declaração, Pastor Storch explicou o seguinte, em carta de 28.11.1988: “Quanto ao casal Boehm, nem ele, nem ela eram escalados como professores regulares. Eles da-



Corpo docente de 1915 e 1916

vam aulas (lições) aqui, ali e acolá, especialmente religiosas, Inglês ou arte culinária. . . Ele trabalhava mais com enxada, foice, machado e martelo do que com livros. . .”

Em 1917 escalaram-no como professor regular da sala de aula mas, para que pudesse ficar totalmente livre a fim de cuidar da lavoura e construções foi substituído pelos professores Kumpel e Neumann.

Em seu trabalho como obreiro no Brasil, o pastor Boehm dava cuidadosa atenção a todos os setores da obra mas se voltava de um modo especial para a juventude. Embora nunca desse aulas, sua atuação como educador consistia em fundar escolas e incentivar a mocidade a estudar e trabalhar na obra.¹⁷

NOME DA ESCOLA

Na histórica fotografia do início das aulas de 1915 na qual o pastor Lipke aparece à esquerda e o Prof. Paulo Hen-

nig à direita, o nome escrito no quadro negro que os alunos estão segurando é “Colégio Adventista”. Até 1922 a instituição era chamada de Seminário, nos Prospectos. Como esta designação se aplica à escola só de sacerdotes e a nossa dava outros cursos e, além disto, aceitavam moças no internato, a administração mudou, a partir de 1923, para “Colégio Adventista” e em 1943 para “Colégio Adventista Brasileiro.” No decorrer do tempo, construíram um arco na entrada do educandário onde aparecia em um plano a palavra “Seminário” e no Semicírculo “Colégio Adventista Brasileiro.” Em 1963 foi mudado para “Instituto Adventista de Ensino.”¹⁸



*Entrada do Colégio
Adventista Brasileiro*

AUGUSTA NAS BARRACAS

Por trás de um homem bem sucedido em seus empreendimentos, normalmente há uma grande mulher trabalhando silenciosa e dedicadamente. Enquanto o Pastor Boehm em 1915 assessorado por 6 alunos industriários, depois por 12 e mais tarde por 17 derrubava árvores, fazia tijolos e telhas, cortava e transportava pesados blocos de pedras, construíam alicerces e levantava parede, etc. e, além disto, dirigia os cultos durante a semana e aos sábados, a irmã Boehm ficava nas barracas como enfermeira, conselheira, preceptora e orientadora no preparo de alimentos sadios.

As moças encarregadas da cozinha punham feijão no cardápio diariamente. Temendo que surgissem reclamações, a Senhora Boehm as orientou que variassem; um pouco. Elas o fizeram mas alguns moços procuraram a orientadora e disseram-lhe: “Quando falta feijão na mesa temos a impressão de estar com o estômago meio vazio por causa do trabalho pesado que fazemos.” Percebendo que a leguminosa era muito apreciada no Brasil, permitiu que fosse posta à mesa todos os dias. Cuidadosamente ela introduziu o regime vegetariano no acampamento segundo a orientação para nossos internatos.

UM CACHORRO PREVIDENTE E O PÃO CASEIRO

No início do seminário, o pessoal comia o pão francês, feito com farinha branca, comprado em Santo Amaro e transportado em carroça. A irmã Boehm analisou com o esposo a necessidade de fazerem pão integral no próprio acampamento, mas, para isto, deveriam conseguir um forno, farinha integral, fermento e forma. Pastor Boehm prometeu-lhe que providenciaria tudo.

Um antigo morador do Capão Redondo fez um forno rústico com tijolos e pedras assentados com barro comum

devidamente amassado, incumbindo-se de aquecê-lo no dia aprazado e fazer as formas com folhas de bananeiras. A irmã Boehm conseguiu farinha integral e, embora estivesse um tanto apreensiva quanto ao sucesso da experiência, com fermento à base de batatas, preparou uma boa quantidade de massa que ia crescendo normalmente enquanto o referido forno era aquecido. Quando estava tudo pronto, o material foi colocado em 12 formas improvisadas com folhas de bananeiras e posto a assar. Dentro de poucos instantes começaram a sentir no alojamento o agradável cheiro do pão assado. Decorrido o tempo necessário, foram tirados do forno, enrolados em panos de pratos e postos numa caixa de madeira em um canto da barraca.

No jantar, a expectativa era grande porque iam ver e comer pão integral caseiro! A irmã Boehm dirigiu-se para o canto da barraca onde estava o esperado alimento e ficou estupefata pois restava apenas um pão na caixa. “Teria sido brincadeira de mau gosto de algum aluno?” Ao volver-se para fazer o levantamento, chegou o ladrão, um cachorro. Pegou o último pão e retirou-se com rapidez. Os alunos o seguiram e o encontraram preparando lugar para enterrá-lo junto com os outros 11. Era um cão providente e conhecedor do alimento integral feito em casa.¹⁹

CONSTRUÇÕES PROVISÓRIAS

Com tijolos e telhas prontas, foram feitas algumas construções provisórias visando a acomodar temporariamente professores e alunos:

1. Na frente, um pouco para o lado da direita de quem chega na atual marcenaria do IAE, construíram, às pressas, um sobradinho no qual moravam professores e alunos. Ele ainda existia no fim da década de quarenta.

2. Mais ou menos onde está a sede da atual agricultura, levantaram uma casa de tábuas, dividida ao meio, sem

forro e coberta de zinco. O casal Boehm ocupava um lado e a família Hennig o outro.

3. Perto do local citado no item anterior, edificaram uma casa às galinhas que serviu de cozinha, refeitório e dormitório por algum tempo.

4. Onde está a atual marcenaria construíram a lavanderia.²⁰



Construções provisórias do Seminário em 1915.

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL

Os trabalhos iniciados em 6 de maio de 1915 no Seminário progrediram tanto com os esforços humanos aliados às bênçãos de Deus que no dia primeiro de agosto seguinte, três meses depois, já foi possível lançar a pedra fundamental da construção do educandário.

As 10:30 horas da manhã o pessoal residente no semi-

nário se reuniu no local escolhido, cantou um hino e o Prof. Hennig fez uma prece pedindo a aprovação e as bênçãos de Deus; em seguida o Pastor Boehm orou inspirado na construção e dedicação do templo salomônico após o que discursou salientando “. . . O fato de que o Senhor não habita em templos formados por mãos de homens e sim com aqueles que são limpos de coração; não residindo por isso a santidade de uma casa consagrada a Deus no material que a compõe, e sim na conduta daqueles que nela convivem. . .”

Este importante acontecimento, porém, foi comemorado oficialmente no dia seguinte, dois de agosto ocasião em que o Seminário recebeu a visita dos membros da recém-organizada Divisão Sul-Americana, entre os quais estava o pastor W. W. Prescott da Conferência Geral. Nesta ocasião nomearam o Pastor Lipke como diretor.

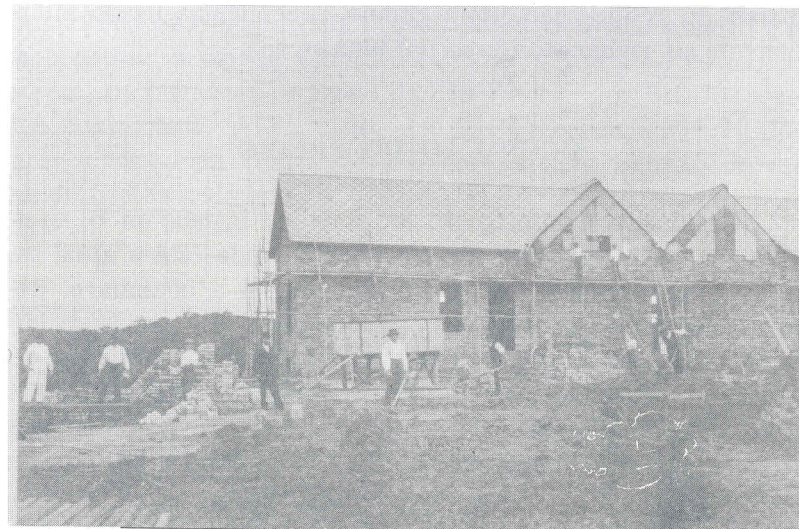
CONSTRUÇÃO DA ALA DA DIREITA

A primeira parte a ser construída do prédio que atualmente é o pavimento térreo do dormitório I, dos moços, incluía o primeiro quarto à esquerda de quem entra pela porta da frente abrangendo toda a ala da direita até os fundos. No setor que fica sob a atual capela instalaram provisoriamente a cozinha e o refeitório. O restante foi ocupado como sala de aulas, capela, escritório, dormitório, etc. Inauguraram-na dia 15 de abril de 1916.

CONSTRUÇÃO DA ALA DA ESQUERDA

A ala da esquerda foi construída entre os períodos letivos de 1916 a 1917. Estas longas férias se estenderam de 15.11.1916 a 31.05.1917, ou seja, 6 meses e meio.

Aproveitando o declive natural do terreno, foi feita uma escavação do lado da atual quadra de esportes e construída,



Construção da ala direita do prédio do Seminário.



Vista do prédio construído.

abaixo do rés-do-chão, uma grande dependência ligada internamente ao pavimento térreo por uma escada.

OCUPAÇÃO DO PRÉDIO

Terminada a construção do prédio, instalaram o refeitório no recinto abaixo do rés-do-chão onde está a atual sala de pingue-pongue. Em seguida vinham a cozinha e, depois, a padaria, no espaço correspondente aos sanitários do campo de esporte dos moços e o escritório do professor de educação física; a enfermaria e os quartos 5, 7, 9 e 11 eram salas de aulas e capela; o primeiro quarto à esquerda, entrando pela porta da frente, era do Pastor Boehm, o segundo da Profa. Albertina Simon e os restantes das moças; o escritório do pastor Lipke ficava no primeiro quarto à direita e os outros pertenciam aos moços.²¹

DINHEIRO PARA CONSTRUIR O PRÉDIO

Em 1920, o pastor Spies declarou: “Dádivas liberais por parte da Conferência Geral e de um coobreiro, juntos com um fundo de escola que tínhamos, habilitaram-nos naquele tempo a fundar a escola.”

Caso os 30:000\$000 que a Conferência Geral deu em 1909 à Casa Publicadora e à fundação de um colégio tenham sido divididos equitativamente, entraram 15:000\$000 para formar o Grande Fundo de Educação. Somados com os 11:000\$000 da venda do colégio de Taquari, Rio Grande do Sul, perfariam um total de 26:000\$000. A fazenda comprada dos irmãos Teisen custou 20:000\$000. Então teriam restado 6:000\$000 (seis contos de réis) para iniciar a construção do prédio que agora é o pavimento térreo do dormitório I, dos moços. Por outro lado, a Conferência Gaúcha enviou também seu fundo local de educação.

Na *Revista Mensal* de 1915 e no Prospecto do Seminário, 1918, não encontramos nada sobre o financiamento para construir a ala da direita do prédio. Para a da esquerda, porém, os membros da igreja de São Paulo e dos Estados Unidos auxiliaram. Além disto, em 1916, recebeu 4.318.90 dólares, excesso da Oferta do Décimo Terceiro Sábado do segundo trimestre do ano.²²



Corpo Docente de 1917

*Em pé, da esquerda para a direita: Isabel Kuempel, Blanche Davis, Albertina Rodrigues, Augusta Boehm e Sra. Hennig.
Sentados: Germano Liedke, Manuel Kuempel, John Boehm e Paulo Hennig.*

ESTIPÊNDIO

O pastor Storch fez a seguinte declaração quanto a este assunto: “. . . Trabalharíamos 5 horas por dia e estuda-

ríamos outras 5. Através deste plano pagaríamos todas as despesas. . .” Em 1918, porém, já havia outra orientação: o ano letivo era formado por dois períodos de 19 semanas cada um e “. . . os alunos que na abertura das aulas pagassem toda a pensão das 38 semanas, isto é 380\$000, teriam um abatimento de 5%.” Caso o estudante efetuasse o pagamento semanalmente, deveria fazê-lo com 7 dias de antecedência.

No que tange às refeições, encontramos o seguinte: “O estudante escolhe para cada refeição o alimento e pagará somente pelo que gastar. O alimento é fornecido pelo preço mais barato possível.” O aluno recebia um cartão no qual havia colunas de cem e duzentos réis, etc. e, depois de escolher as porções de comida, a pessoa encarregada picotava o valor correspondente no referido cartão.²³

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

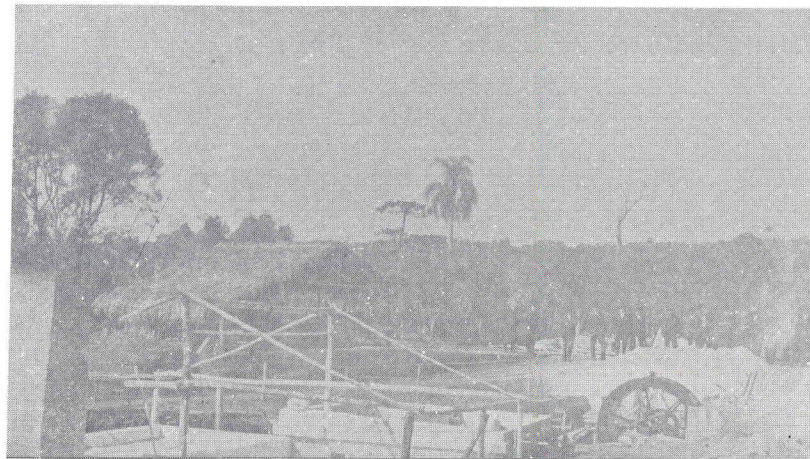
A água, às construções e ao seminário, vinha sendo transportada em barris dentro de carretas puxadas por animais para o alto da colina.

Mais ou menos a uns 20 metros ao norte da atual piscina do IAE, passava um córrego, então de águas cristalinas, que se deslocava para leste na direção do Capão Redondo. Ao entrar na mata, havia um declive abrupto do terreno onde ele corria com mais rapidez. Neste local o pastor Boehm montou uma bomba hidráulica chamada “aríete” ou “ARM” e colocou uma calha que jogava a água sobre a referida bomba que impelia o precioso líquido através de canos para a caixa que ficava no sobradinho mencionado como construção provisória.²⁴

INDÚSTRIAS

Para que os jovens pobres pudessem ganhar o estipên-

dio parcial ou totalmente, foi feita uma campanha entre as igrejas do Brasil em 1917 e arrecada a quantia de 6:000\$000 com a qual montaram um moinho para fazer farinha de milho, uma serra de fita, uma serra circular para cortar lenha e iniciaram a fabricação de carvão vegetal. Os dois últimos eram vendidos no comércio em São Paulo.²⁵



A MICRO-HIDRELÉTRICA

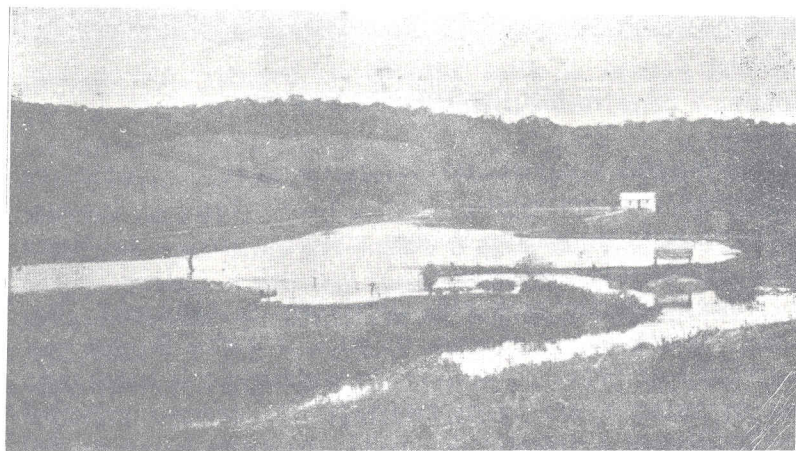
Terminada a construção da ala esquerda do prédio que atualmente é o pavimento térreo do dormitório I, dos moços, a atenção do pastor Boehm voltou-se para o problema da luz elétrica para o seminário.

Encomendaram uma roda hidráulica da Alemanha. Enquanto aguardavam a chegada da peça, o pastor Boehm cortava blocos de pedra na pedreira do seminário e ia levantando com os mesmos um muro transversal do córrego principal que atravessava a fazenda do colégio na parte baixa do Sul para o Norte. Na parte externa do referido muro era pos-

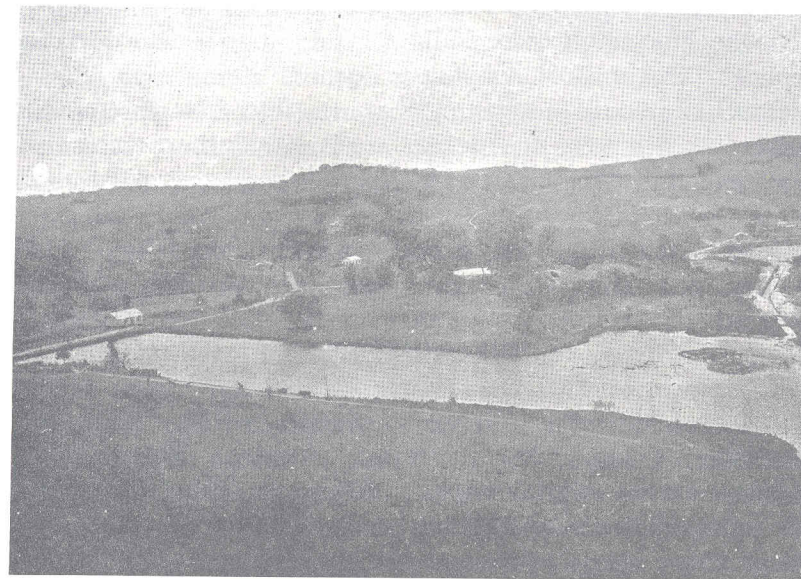
ta terra para sustentá-lo e, ao mesmo tempo, servir de estrada para veículos e pedestres.

Concluída a barragem, colocada em seu lugar a peça que chegou da Alemanha, montado o dínamo, estendidos os fios elétricos para o prédio recém-construído, feitos todos os arranjos e ligações necessários, ao anoitecer do dia 24 de agosto de 1917 soltaram a água pelo canal previamente organizado; a roda hidráulica girou pondo o dínamo a funcionar e dentro de alguns instantes todas as lâmpadas acenderam no alto da colina. Professores e alunos pularam e gritaram de contentamento. Todos saíram para os corredores e se dirigiram, como que automaticamente, à capela a fim de fazer um culto de ação de graças.

A construção da barragem exigiu do pastor Boehm um esforço sobre-humano. Trabalhava durante o dia e, à luz da lua, à noite. Fazia as refeições, muitas vezes, no próprio local. Conseqüentemente, foi atacado de fortes dores musculares que o fizeram ir ao médico. Enquanto aguardava sua vez no consultório, pensou: “Eu contando ao doutor tudo o que estou sentindo, ele me proibirá de trabalhar”. Retirando-se fez umas fomentações e continuou com o tra-



Vista do tanque e da casa de força do Seminário.



Vista do segundo tanque.

balho. Passou, com os alunos, toda uma noite tempestuosa vigiando a barragem porque a terra ainda não estava devidamente acamada e corria risco de correr com a chuva forte. Pelo que se conclui, ele começou a barragem no princípio de junho e no dia 24 de agosto seguinte já iluminou o seminário.²⁶

DISPOSTO A SER PERDOADO

Quando iniciaram as aulas em junho de 1917, concluiu-se que a iluminação era feita com velas, lamparinas e lâmpões e não havia dinheiro para construir a micro-hidrelétrica. Pastor Boehm, para resolver o problema da luz, lançou mão de um dinheiro destinado a outro projeto do seminário e construiu a barragem. Ao saber do ocorrido, o

Pastor Montgomery, presidente da Divisão Sul-Americana, disse-lhe que aquilo não podia ter sido feito e não devia se repetir. Pastor Boehm escutou o chefe atenta e silenciosamente. Então o presidente perguntou-lhe: "Você não tem nada para dizer em sua defesa"? Pastor Boehm respondeu mansamente: "Pode falar que eu estou sempre disposto a ser perdoado."⁷

LINHA TELEFÔNICA

Pastor Lipke morava em Santo Amaro, São Paulo, era Presidente da então Missão Paulista e diretor do Seminário. Embora ele viesse uma vez por semana passar algum tempo no colégio, havia necessidade de consultá-lo seguidamente. Além disto, surgiam emergências especiais que só poderiam ser resolvidas com um telefone para consultá-lo mas faltavam os recursos a fim de enfrentar as despesas com uma linha telefônica feita pela própria companhia.

Foram então comprados dois aparelhos e mais ou menos 8 mil metros de fios. Pastor Boehm, assessorado por estudantes entre os quais estava o Pastor Gustavo Storch, preparou postes médios com madeira usada nas construções, outras cortadas na mata, abriu buracos e os fincou de 50 em 50 metros do Seminário até Santo Amaro, ou seja, 8 quilômetros. Ao todo, levantou 160 postes, após o que estendeu cuidadosamente o fio.

Quando tudo estava pronto, um técnico da companhia telefônica veio instalar os aparelhos. Ao fazer a ligação, o material não funcionou e o problema foi atribuído à colocação do fio mas o Pastor Boehm garantiu-lhe enfaticamente que esta parte estava em perfeita ordem. Diante disto, ele resolveu desmontar os aparelhos. Ao abrir o primeiro, já encontrou o defeito. Corrigido o problema, tudo funcionou bem.²⁸

BOEHM COMPRA TERRAS

Houve grande euforia com a luz elétrica mas sentiram necessidade de torná-la mais forte. Para isto era necessário aumentar o volume da água para que a pesada roda hidráulica girasse com mais rapidez e, conseqüentemente, o dínamo a fim de melhorar a luz.

Como a obra não dispusesse de recursos, o Pastor Boehm arrumou dinheiro com uma pessoa da família, nos Estados Unidos, e comprou, a partir de agosto de 1917, a herança de várias pessoas no Capão Redondo. No local onde atualmente está o Jardim Piracema, já havia um córrego represado em dois locais. Depois de levantar a barragem do açude mais próximo do nosso, por meio de um canal que atravessava a rua profa. Eunice Bechara de Oliveira entre os números 870 e 890, conduziu a sua água para a hidrelétrica do seminário. Temporariamente, o resultado foi satisfatório. Visando a proteger especialmente as duas entradas do colégio de fábricas poluentes, bares, casa de jogo, etc. Pastor Boehm comprou também outros terrenos entre os quais está o local onde encontramos a Igreja Adventista do Capão Redondo e sua Escola Fundamental. No Centro da Memória Adventista, no Instituto Adventista de Ensino, existem cópias de 12 escrituras nas quais o Pastor Boehm aparece como o comprador.

Posteriormente essas terras foram vendidas para o colégio mediante escritura lavrada em 14 de maio de 1931 à Associação dos Adventistas do Sétimo Dia no Brasil por 3:500\$000. Adquiriu ainda toda a área da frente da entrada leste do educandário onde estão o Asilo dos velhos, a escola fundamental e a Igreja da Alvorada.²⁹

SEMINÁRIO CERCADO PELO EXÉRCITO

Um repórter que passou no seminário em 1917 notou